



JORGE A. H. RANGEL \*

FALAR DE NÓS

## A China no Espaço Lusófono: Estratégia, Cooperação e Língua - Tema central da Revista Internacional da AULP

*“Este número da Revista Internacional para a Língua Portuguesa foi publicado no âmbito das comemorações do 40.º aniversário da Associação das Universidades de Língua Portuguesa e da realização do seu 35.º Encontro anual, levado a efeito em Macau, de 15 a 17 de Junho, com o tema ‘Colaboração Universitária Internacional: Fortalecendo Laços Académicos e Culturais entre a Grande Baía (China), Macau – Henqin e os Países de Língua Portuguesa.’”*

Foi muito bem acolhida a iniciativa de dedicar o número 49, quarta série, de 2026, da Revista Internacional para a Língua Portuguesa, publicação semestral da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), à análise da projecção da República Popular da China no amplo espaço lusófono, nos mais variados domínios, tendo em conta as dimensões política, económica, estratégica e cultural desta presença de crescente relevância no contexto da sua afirmação segura, consistente e persistente no mundo contemporâneo.

Conforme os coordenadores da edição, os académicos Pedro Anjos, da Universidade Nova de Lisboa, e Thaysa Cunha, do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa e do Centro Científico e Cultural de Macau, na nota de apresentação, “num cenário marcado pela reconfiguração do multiculturalismo e pela intensificação das dinâmicas de cooperação Sul – Sul, o espaço de língua portuguesa afirma-se como um terreno privilegiado de diálogo, cooperação e negociação de interesses convergentes e divergentes entre a China e os países lusófonos, com particular destaque para o papel de Macau, enquanto plataforma estratégica e multilingue de articulação e mediação dessas relações.”

Este último número da Revista Internacional da AULP, que tem por tema central “A China no Espaço Lusófono: Estratégia, Cooperação e Língua”, reúne “contributos que reflectem a diversidade analítica e disciplinar que hoje caracteriza o estudo das relações sino-lusófonas” e “os artigos incluídos abordam, de forma complementar, as dimensões estratégica, económica, institucional e cultural da presença e projecção da China no espaço da língua portuguesa, mobilizando distintos enquadramentos teóricos e metodológicos.”

### OS TRABALHOS INSERIDOS NESTE VOLUME

São os seguintes os títulos dos trabalhos seleccionados para este número: “Chinese partnerships: adaptive models of China-Lusophone cooperation”, de Yichao Li e Francisco José Leandro, “A cooperação de defesa entre a República Popular da China e os PALOP: da ideologia política à resiliência operacional”, de Luís Manuel Brás Bernardino e Nathaly Xavier Schutz, “Relações sino-lusófonas: comércio, investimentos e cooperação tecnológica na iniciativa cinturão e rota”, de Bernardo Gonçalves Arnaud, “A nova rota da seda e o desenvolvimento de Moçambique: conexão regional e industrialização em perspectiva”, de Thaysa Cunha, “Muito além de Macau! A China continental e o seu papel na internacionalização da língua portuguesa”, de Dari Albuquerque, “Assessing forest cover and CO2 emissions in portuguese-speaking countries and China: a comparative remote sensing approach”, de Isaú Alfredo B. Quessindo, “Zeitgeist da cooperação sino-moçambicana em saúde”, de Edgar Manuel Cambaza, e “Research note: multi-layered Chinese engagement and the ‘patchwork’ of autonomy in Timor-Leste”, de Takayasu Goto.

Os autores são todos professores ou investigadores de Universidades de Macau, Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, China e Japão. Os coordenadores da edição, Pedro Anjos e Thaysa Cunha, são investigadores ligados a estudos sobre as relações entre a China e os países de língua portuguesa, sendo ele mestre em Ciência Política e Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com especialização em Globalização e Dinâmicas Regionais, e colaborador da AULP no seu programa de Mobilidade e no apoio editorial à Revista Internacional para a Língua Portuguesa, e ela economista com

formação interdisciplinar, mestre em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com uma dissertação sobre os megaprojectos chineses em Moçambique, sendo presentemente doutoranda em Estudos Internacionais no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, com foco nas relações económicas e diplomáticas entre a China e Moçambique.

### PARTICIPAÇÃO DE DOCENTES LIGADOS A MACAU

Os docentes de Macau, que contribuíram para esta edição, são: Francisco José Leandro, doutorado em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade Católica Portuguesa (2010), com investigação pós-doutoral sobre monopólios estatais na China no âmbito da Iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, foi coordenador académico na Universidade de São José (Macau) e subdirector do Instituto de Investigação sobre os Países de Língua Portuguesa da Universidade Cidade de Macau (2018-2023), sendo actualmente Professor Associado com Agregação em Relações Internacionais na Universidade de Macau, onde continua a desenvolver importantes estudos sobre a China contemporânea, e Yichao Li, doutorada pela Universidade Cidade de Macau em Estudos sobre os Países de Língua Portuguesa, mestre em Direito Comparado pela Universidade de Macau, e, desde 2023, investigadora assistente do Instituto de Estudos Africanos da Universidade Normal de Zhejiang e membro do Observare - Observatório de Relações Exteriores da Universidade Autónoma de Lisboa.

Luís Manuel Brás Bernardino, que fez, imediatamente após o Encontro da AULP, uma muito apreciada conferência no auditório do Instituto Internacional de Macau sobre o 30.º aniversário da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e a cooperação na defesa, é coronel do Exército Português (na reserva), com mais de 37 anos de serviço e experiência internacional em missões das Nações Unidas, União Europeia e NATO/OTAN, mestre em Estratégia e doutorado em Relações Internacionais pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa. Especialista em Segurança e Defesa em África, particularmente Angola e CPLP, é autor de 15 obras e mais de cem artigos científicos, sendo presentemente professor auxiliar do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Autónoma de Lisboa e presidente do Observatório dos Ecossistemas e Infraestruturas Digitais.

### LINHAS DE ORIENTAÇÃO EDITORIAL

A Revista Internacional da Língua Portuguesa, em cujas edições anteriores tive o privilégio de algumas vezes colaborar, é publicada desde 1989 como órgão interdisciplinar da AULP, criado, conforme o seu estatuto editorial, “para aprofundar o conhecimento sobre o português, expressando hoje o português num espaço de intervenção que em perfeita igualdade participem os membros da comunidade de utilizadores de português no mundo”, na diversidade das suas formas de expressão e difusão, merecendo destaque a promoção das ligações académicas e culturais no espaço geográfico dos que utilizam a língua portuguesa.

A Revista cumpre a totalidade das normas de referência do Catálogo Latindex – sistema de informação internacional de Revistas Científicas e está incluída na European Reference Index for the Humanities da European Science Foundation. A sua directora é a Prof.ª Cristina Montalvão Sarmiento, secretária-geral da AULP e a personalidade fundamental na coordenação do funcionamento regular da Associação e na promoção do seu constante desenvolvimento.

Este número da Revista é o primeiro a aceitar artigos em língua inglesa, “em consonância com os objectivos editoriais definidos pelo seu conselho de acompanhamento científico, com vista a iniciar o processo de indexação em outras bases e indexantes científicos.” Está já em preparação o próximo número da Revista, respeitante ao segundo semestre do corrente ano.

\* Presidente do Instituto Internacional de Macau. Escreve neste espaço às 2.ªs feiras.

### ASSIM FOI ...

## HÁ 20 ANOS

### DST QUER AUMENTAR “QUALIDADE” NO TURISMO

O director dos Serviços de Turismo defende que é necessário “aumentar a qualidade dos guias turísticos e de todo o sector do turismo”. Segundo o responsável, o ‘boom’ que o turismo de Macau sofreu nos últimos anos “veio provocar mudanças muito bruscas entre os trabalhadores” e é preciso responder às novas necessidades da indústria. As declarações de Costa Antunes foram feitas à margem da cerimónia de abertura da reunião anual de “marketing” da Direcção dos Serviços de Turismo (DST), no centro de congressos da Doca dos Pescadores. Ao todo, estiveram presentes 44 representantes da DST no exterior, oriundos de 17 países e territórios, que se deslocaram a Macau para delinear a estratégia para a promoção futura do território. Os desafios da indústria turística da RAEM foram um dos principais enfoques de Costa Antunes nesta reunião, sobretudo ao nível da mão-de-obra para o funcionamento das novas infra-estruturas em construção. “Quando se anuncia que o número de quartos de hotel a ser criados nos próximos 10 anos vai ser superior a 40 mil, podemos dizer que precisamos de até 70 mil funcionários”, avisa. O problema, diz o responsável, numa alusão aos cerca de 10 mil desempregados que existem em Macau, é que “nalgumas áreas, a capacidade de recrutamento local está praticamente esgotada”. Para o director da DST, a solução passa pela contratação de trabalhadores estrangeiros, mas com critério. “É preciso procurar pessoas formadas, que tenham já um nível técnico suficiente para dar uma resposta de qualidade”, defende Costa Antunes. E dá exemplos: “não é possível formar guias turísticos a falar coreano ou japonês em pouco tempo”.

### DITO

#### DE REPENTE, OS CHINESES NÃO SE TORNARAM ANTIAMERICANOS

I  
*Contrariando uma percepção generalizada na imprensa ocidental, que tende a realçar apenas o endividamento dos países em vias de desenvolvimento em relação à China, um estudo publicado o ano passado nos EUA concluiu que este país foi o que mais créditos recebeu de instituições financeiras chinesas: cerca de 202 mil milhões de dólares entre 2000 e 2023. (...) No total, a China financiou mais de 2500 projetos em quase todos os estados do país, designadamente na construção de aeroportos e outras infraestruturas, apurou a AidData, um laboratório de investigação da Universidade William and Mary, na Virgínia.*

II  
*“Embora governos e alianças (como a NATO e o G7) estejam em competição aberta com Pequim”, a AidData constatou que “muitas instituições financeiras ocidentais ou lideradas pelo Ocidente optaram por colaborar com credores estatais chineses - e muitas empresas ocidentais aceitaram grandes somas emprestadas pelas mesmas instituições”, diz o relatório difundido há seis meses.*

III  
*Como na Europa, alguns intelectuais chineses mostram-se hoje desiludidos com a evolução da política americana. A América “era mais do que um país: era uma ideia”, escreveu Lijia Zhang num artigo publicado na semana passada num jornal de Hong Kong. Nascida em 1964, a romancista Lijia Zhang assume-se sobretudo como comentadora social.*

IV  
*“Muitos chineses, eu própria incluída, associávamos a América a prosperidade, liberdade, inovação científica e uma democracia funcional (...) Mesmo os que discordavam muitas vezes da política externa da América admiravam as suas instituições e o seu poder.” Já não é bem assim. A “mudança mais importante”, adianta Lijia Zhang, será talvez psicológica: “Durante décadas, muitos chineses viam a América com um misto de admiração e inveja. Trump não eliminou essa admiração, mas tornou-a mais condicional e menos romântica.”*

V  
*“Os chineses não se tornaram, de repente, antiamericanos”, diz também Lijia Zhang. “Muitos ainda admiram as universidades dos EUA, a sua capacidade de inovação tecnológica, a criatividade cultural e as tradições constitucionais.” Contudo, “o país que muitos chineses instruídos imaginavam antes é visto agora menos idealisticamente.”*

António Caeiro, antigo delegado da Lusã em Pequim, no semanário “Visão”